

OS MEANDROS DA ALTERIDADE: MARCAS DE DIZER E INDISTINÇÃO DE VOZES NO DISCURSO¹

Rosângela MORELLO

RESUMO *No campo de conhecimento da Análise do Discurso que se desenvolve a partir dos trabalhos de M. Pêcheux (1969, 1975, 1983, 1988), e, de modo específico, no das investigações de J. Authier sobre a heterogeneidade enunciativa (1978, 1982, 1984, 1992), os processos enunciativos assim como as diversas formas meta-enunciativas que os constituem - discurso relatado, glosas, comentários, etc. - emergem e se organizam por uma relação complexa - necessária e constitutiva - com o discurso outro. Minha reflexão toma forma nos interstícios dessas considerações, constituindo-se como uma busca por compreender e explicitar o funcionamento de mecanismos meta-enunciativos muito recorrentes no discurso rural cotidianamente produzido. Neste texto, apresento alguns aspectos do funcionamento desses mecanismos, discutindo a complexidade da dissociação dos planos enunciativos nele implicada, sobretudo quando se configura, na linearidade do discurso, um imbricamento entre esses planos, resultando no que denominei indistinção de vozes.*

SUMMARY *In the field of knowledge of Discourse Analysis inaugurated by M. Pêcheux (1969, 1975, 1983, 1988) and, specially, in the investigation area of J. Authier about the enunciative heterogeneity (1978, 1982, 1984, 1992), the enunciative processes, as well as the multiple meta-enunciative forms that go along with them - narrative discourse, gloss, commentaries, etc. - emerge and organize themselves in a complex relation - necessary and constitutive - with the other discourse (a discourse produced in another place or by others). My research takes form in the interstices of these considerations, leading us to understand and to explicit the functioning of meta-enunciative mechanisms which are recurrent on the quotidian rural discourse. In the present text, I present some aspects of the functioning of these mechanisms and discuss the complexity of the level dissociations implicated in it, specially when it configures on the discourse linearity as an imbrication of levels, resulting in what I call indistinguished voices.*

¹ Texto resultante da dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 21 de fevereiro de 1995, sob a orientação da Profa. Dra. Eni P. Orlandi.

- (01) E1: é que nem o J. *falou* lá em casa no dia da festa ... o J. tava lá *ele falou* ...”ocêis **tem que ir lá océis *ele falou* ... olhá bem para fazê a casa porque depois que tá feita ... né ... D? então ... num pode falá, né? porque num feiz lá ... Tem que olhá muito bem *ele falou* ... antes ... antes de fazê.**
- (02) E1: ... nós num aproveitemo nada desse café ... nós ... só deu prejuízo prá nós porque nós paguemos prá plantar e o o patrão só pagou prá podê fazer as covas e adubá ... agora ... prá plantá e adubá foi tudo nós se nós quisesse prá/se nós quisesse assim prá podê adiantá ... prá tampá depressa ... nós tinha que (?) tiremo dinheiro do bolso e paguemo e e depois oh eu já tava enjoada ... três veiz “**oh amanhã ceis vão reprantá o café**” ia buscá as muda ...
- (03) E1: intê que eu puder fazê prá ela ... vou fazê ... *eu falo* sempre ... dou conselho ... mas muita preguiça ... não sei se é doença ... má vontade
E2: quem? a I?
E1: não sei se foi muito remédio que ela tomou quando era nova sem merecê ... *eu falo*.

Formas lingüísticas como *falar* (em suas diversas variações de tempo e pessoa: *eu falo, falei, vou falar X, ele/ela fala, falou, vai falar X*) e *rupturas sintáticas* observadas, por exemplo, nas situações discursivas acima, marcam a emergência, no fio do discurso, de *falas* que aí aparecem representadas como sendo produzidas em uma situação de enunciação distinta daquela em que o discurso se dá. São falas que, mencionadas, mostram-se como um *discurso outro*: seja o *discurso de um outro* colocado em cena pelo sujeito, seja o discurso do próprio sujeito se colocando em cena como *um outro*. No nível da enunciação, a emergência dessas falas corresponde a uma dissociação de planos enunciativos, ou seja, do dizer em *curso* ou em *uso* passa-se a um plano de um *dizer em menção*, implicando, ao mesmo tempo, um desdobramento do sujeito enunciator que além de simples *usuário*, faz-se também *observador* das palavras.

É de um modo recorrente que este fato enunciativo se faz presente no discurso cotidianamente produzido no meio rural. Falo, especificamente, da região de Barra de Novo Brasil, no interior centro-norte do município de Colatina, no Espírito Santo².

A recorrência desse fato instaurou uma primeira inquietação. Na correlação explicitação e delimitação de vozes estabelecida pelos mecanismos meta-enunciativos, em sua repetibilidade, se insinuava um espaço enunciativo de organização dos dizeres que parecia se vincular ao próprio modo de estruturação do discurso.

Marcando o início de minha reflexão, esta observação me instigou a focalizar os mecanismos meta-enunciativos naquele discurso, com o objetivo de encontrar, na insistência de sua repetição, espaços de enunciação mais regulares que permitissem compreender e explicitar seu funcionamento. A perspectiva discursiva de trabalho com a linguagem inaugurada por M. Pêcheux (1969, 1975, 1983, 1988) e que se desenvolve em outros trabalhos como os de Orlandi (1987, 1988, 1989, 1992), e, de modo específico, as

² Trata-se de um pequeno povoado, com aproximadamente 500 habitantes, integrado ao distrito de Novo Brasil.

reflexões de J. Authier sobre a meta-enunciação (Authier, 1978, 1982, 1984 e 1992, 1994) propiciaram a base para a investigação.

Mas, recortar a linguagem em situações discursivas específicas e delas reter o que mais se avizinhe das questões que se vão formulando implicava delimitar o campo de observação. Era preciso, então, localizar as condições que, sendo constitutivas do objeto de estudo, me levassem a definir alguns parâmetros para sua compreensão.

Considerando, inicialmente, a relação com um *exterior específico*, as situações discursivas em foco tinham por linha demarcatória a sua ocorrência no cotidiano do meio rural. Registros de falas cotidianas documentados nos meses de janeiro e julho dos anos de 1991 e 1992 na região rural de Barra de Novo Brasil, já referida, constituíram, desse modo, o material básico para a análise.

Entretanto, se a realização em uma região rural geo-demograficamente definida e o caráter oral dos textos constituíam *traços objetivos* que me permitiam delimitar um campo específico do dizer, não segui, nessa delimitação, as linhas certeiras de uma *realidade rural* evidente, que se definia por si mesma.

De acordo com Pêcheux (1988), há um processo histórico e social onde se estruturam, em um mesmo movimento e sob *a eficácia material do imaginário* (Pêcheux, 1988:125), os objetos de realidade e os espaços de sua enunciação. Quer dizer, o sentido do que se enuncia e o modo como se o faz acham-se inscritos no *interdiscurso* que, sob a forma de algo que *fala sempre antes, em outro lugar e independentemente*, fornece a cada sujeito a “sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas (idem, 162). Portanto, é no tecido mesmo das relações interdiscursivas que compreendemos o rural. Enquanto campo do dizer, há, conforme Foucault (1987), regras anônimas e históricas que o estruturam, determinando regularidades enunciativas. Nestas regularidades se configuram as *formações discursivas* que, possuindo uma face ao mesmo tempo textual e social e se auto-delimitando, se apresentam como práticas.

Em seu conjunto, estas considerações me permitiram compreender o discurso rural cotidianamente produzido como uma *prática discursiva*, cuja definição se dá pela relação - de confronto ou agregação - a outras práticas.

Situando a prática discursiva rural na relação com outras, verifiquei que ela se configurava como uma *prática oral da linguagem* (uma situação de *oralidade mista*, segundo Zumthor, 1993:18), porque embora procedesse de uma “cultura de escrita”, a escrita permanecia bastante externa. Essa oralidade se situava na extensão e duração temporal e em articulação a ela se dava a transmissão oral ou a oralização da língua nas enunciações. Por isso ela constituía, em meu entender, uma condição de produção do discurso. Nesse sentido, a oralidade aparecia como estruturante das enunciações, conferindo-lhes uma textualidade própria.

Dessas observações resulta, em meu trabalho, um modo de compreensão da oralidade que a vê representada tanto no caráter oral dos textos, que em uma situação mais imediata de trabalho com a linguagem, implica a adoção de critérios específicos para a transcrição das falas, pretendendo dar visibilidade espacial à linearidade temporal

do oral³, quanto na dimensão histórica e social, como uma condição de produção do discurso. O que se con-forma como texto, enquanto objeto de análise, em meu trabalho, se enreda, portanto, na oralidade, nessa sua dupla forma de incidência.

Tomando por base as considerações feitas, centrei a atenção nos mecanismos meta-enunciativos. Na inter-relação entre explicitação e delimitação das vozes que eles evidenciavam situei o eixo de abordagem, orientando a discussão (desenvolvida no capítulo II) para o fato de que eles mostram a relação do discurso com *discursos outros* produzidos em *outro lugar e/ou por outrem*. Na perspectiva teórica em que me coloquei, a relação entre discursos não se reduz, no entanto, ao que se torna visível junto às marcas, no nível da enunciação. Ela se apresenta como necessária e inevitável.

A necessidade dessa relação deve ser considerada, de acordo com Pêcheux (op. cit.), porque todo discurso se delimita e se significa por uma relação ao “já dito” interdiscursivo que o antecede em “outro lugar e independentemente”, conforme já mencionei. O interdiscurso configura, portanto, uma exterioridade constitutiva ao sujeito e ao (seu) discurso. Os processos de enunciação, e com eles, a tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante, na atividade de linguagem, traduz um *desconhecimento* do sujeito de sua determinação por essa exterioridade. Eles se realizam no espaço da *ilusão da evidência* do sentido e da autonomia do dizer⁴.

Por meio das reflexões de Pêcheux, em seu conjunto, tornou-se possível compreender que os mecanismos de enunciação através dos quais o sujeito-falante *constrói* o seu dizer, delimitando-o em sua forma e/ou sentido, explicitam a relação desse dizer com o dizer de *outrem*. No entanto, essa explicitação se exerce pelo recurso a enunciados que *pré-constroem* os conceitos e definições utilizados e que *sustentam* as formulações e as relações de sentido desejadas. Quanto aos mecanismos meta-enunciativos, eles não apenas tornam visível os outros discursos no discurso como mostram um incessante retorno ao exterior constitutivo, escamoteando ao mesmo tempo, sob a forma de *um controle necessário*, porém *ilusório*, o fato de que este exterior é já-sempre a condição mesma de existência de um enunciado.

É J. Authier, por outro lado, quem desenvolve uma abordagem exaustiva da meta-enunciação, focalizando-a tanto no plano formal da língua quanto no da atividade de linguagem, como modalidade de enunciação. Caracterizada como um *modo de dizer dobrado* - o dizer se realiza falando das coisas como palavras, se representa enquanto se faz e se mostra em sua forma mesma - a meta-enunciação configura, para Authier, um *real da enunciação*, vinculado à *propriedade de reflexividade da linguagem* (Jackobson, apud Authier, 1992, Tomo I: 21). Tomando por base os trabalhos de J. Rey-Debove sobre a *autonomia* e a *conotação autonímica*, esta autora realiza uma análise multifacetada da estrutura meta-enunciativa, delimitando uma configuração enunciativa particular: a *modalização autonímica do dizer*. Para além de um acompanhamento das

³ Utilizei basicamente os procedimentos de transcrição do projeto NURC (*A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, Vol. II, 1987: 9-10). Nas situações discursivas apresentadas neste texto, (...) representa pausa, (/), a interrupção do que ia sendo dito e (?) indica que o enunciado não foi compreendido.

⁴ Estou me referindo à Teoria do Esquecimento e ao Princípio da Ilusão Referencial desenvolvidos por este autor.

nuanças que percorrem sua descrição, vou me ater, aqui, em alguns pontos de sua reflexão, os que melhor permitam situar minha reflexão.

Embora reconheça nos trabalhos sobre o interdiscurso uma abordagem sólida da presença do outro no discurso, Authier evoca, principalmente, o *dialogismo*, no modo como é concebido no horizonte semiótico-literário dos trabalhos de Bakhtin, e o *Autre* do inconsciente, conforme a elaboração de Lacan, no campo da psicanálise. Cada uma a seu modo próprio, estas noções conduzem ao reconhecimento do outro como constitutivo. Pelo dialogismo chega-se ao outro que não é o “duplo” de um face-a-face da interlocução, nem mesmo o “diferente”, mas o que está *no um*. A linguagem é fundamentalmente dialógica. A psicanálise, por seu lado, explica que é “lei de toda fala (...) o fato de que sob nossas palavras, outras palavras se dizem” (e que) o sujeito “é o que surge do viver sobre a ação da linguagem”. Por isso, o sujeito é um *sujeito-efeito da linguagem*, fundamentalmente dividido (Lacan, apud Authier, 1992, Tomo I: 96-101).

Mobilizando estes campos do conhecimento, Authier propõe que se veja nos mecanismos meta-enunciativos, em sua múltiplas formas de ocorrência - as do discurso relatado, as glosas, os comentários, - uma *representação* do processo de constituição do sujeito e do discurso face a *alteridade* que os engendra. Nessa direção, a emergência desses mecanismos resulta de uma negociação “obrigada” com o *outro radical* (a *heterogeneidade constitutiva*), porque responde à impossibilidade, para o sujeito, de escapar à *heteronomia* que o destitui de sua posição de *domínio* (maitrise) sobre si, sobre seu dizer. Eles *trabalham* a *não-coincidência* fundamental de toda enunciação, tornando visível o movimento entre a alteração e afirmação do UM (uma forma, um sentido, um sujeito) e o reconhecimento do NÃO-UM (outras maneiras de dizer, outros sentidos, outros sujeitos) (Authier, 1987, 1992).

Desse modo, as diversas formas da meta-enunciação (cujo estatuto é de uma *heterogeneidade mostrada*, por oposição à *constitutiva*, que não é localizável nem nomeável) representam uma *atividade necessária e ilusória* de *controle-regulagem* do processo de enunciação pelo sujeito. Elas se apresentam como pontos onde se estabelecem os limites entre o que é do domínio de *um sujeito e um seu discurso* e o que pertence ao *discurso outro*.

Tomando a forma de um controle, de uma unicidade, essa *representação* se exerce, conforme Authier, em dois domínios. Um desses domínios é o da relação do sujeito com o *outro exterior*: ao se atribuir a este um lugar pontual, constrói-se uma representação de um UM - sujeito e discurso - único, homogêneo. O outro domínio é o da relação do sujeito com a língua: ao se apresentar um “enunciador capaz de se colocar a todo momento à distância de sua língua, de seu discurso, isto é, de ocupar, face a eles uma posição de observador” (1984:106), constrói-se a representação de um sujeito que separa o que é seu e o que é de outro, que manipula a língua e o próprio pensamento.

Tomando por base as considerações de Authier, pudemos compreender os mecanismos de explicitação das vozes no discurso cotidianamente produzido no meio rural como *formas da heterogeneidade mostrada*. Mais especificamente, *formas marcadas*, isto é, explicitadas no fio do discurso, por oposição às *não-marcadas*, como acontece com o discurso indireto livre, a ironia, ou ainda as metáforas, os jogos de

palavras, etc, que representam, em um continuum, a incerteza que aí caracteriza a retomada do outro.

Embora se produzam a partir de diferentes recortes teórico- metodológicos, os trabalhos mencionados, em seu conjunto, propiciaram alguns sentidos sobre a enunciação e sobre os gestos meta-enunciativos norteadores de minha investigação.

No que diz respeito aos processos de enunciação, pudemos compreendê-los em seu caráter histórico e ilusório, pois se realizam na *ilusão subjetiva*, sendo engendrados na *interdiscursividade* (Pêcheux, op. cit.). Dessa maneira, eles se apresentam *como processos imaginários* fundados no *esquecimento* ou *desconhecimento* pelo sujeito de sua determinação ideológica (Pêcheux, idem) ou da inescapabilidade ao heterogêneo constitutivo (Authier, op. cit.).

Os mecanismos meta-enunciativos receberam o estatuto de *formas marcadas da heterogeneidade mostrada*, o que significou considerá-los em sua necessária relação ao heterogêneo constitutivo, e focalizá-los, em seu funcionamento, na forma de uma *representação imaginária de controle-regulagem* do processo de enunciação pelo sujeito, compreendendo-os como pontos limites entre o que se representa como sendo *próprio ao sujeito* que se enuncia e ao seu discurso, e o que se representa como *outro* ou *de outro*.

A partir desses sentidos mais evidentes, retomei as situações discursivas que configuravam meu objeto de análise.

Nas incisões que as marcas de explicitação provocam no fio do discurso cotidianamente produzido no meio rural, verifiquei que se manifestava, de fato, um projeto - *imaginário* - de separação dos dizeres. O funcionamento desses mecanismos meta-enunciativos *representavam* uma *negociação* com o *outro* e marcavam os limites entre o dizer do um e o outro, delimitando-o em relação ao sujeito e à situação de produção. Pela designação de enunciados ou atos de enunciação que aparecem representados sobre a cadeia verbal de um outro ato de enunciação, muitos dos mecanismos meta-enunciativos que focalizamos se caracterizavam basicamente como as formas de enunciação próprias ao discurso citado ou relatado, como o discurso direto e o discurso indireto. Na situação (02) apresentada no início deste texto se evidencia este traço. Outras vezes, eles incidem sobre a própria voz do sujeito enunciador, designando um fragmento do discurso como um dizer próprio, distinto de outros. Este é o funcionamento da última ocorrência de *eu falo*, na situação (03) apresentada.

No entanto, nem sempre a presença desses mecanismos significava a garantia de uma separação ou delimitação dos dizeres. Havia situações discursivas em que se projetava uma *indistinção* entre as situações enunciativas representadas.

De acordo com o percurso teórico que fui fazendo, pude descrever a *indistinção* em dois modos de emergência: *plurivocidade* e *deslizamento enunciativo*.

A *plurivocidade* se caracteriza no fato de que, embora um enunciado se articule a mecanismos meta-enunciativos que o remetem a uma situação de enunciação distinta daquela em que o discurso se dá, no encadeamento do dizer essa delimitação deixa de funcionar, e o enunciado pode ser compreendido como se dando tanto no plano do *dizer em curso* ou *em uso*, quanto no do *dizer em menção*. Ele aparece representado como

estando articulado a um ou outro desses planos ou aos dois ao mesmo tempo. Este fato se representa, por exemplo, na situação discursiva (01), retomada a seguir. Em nosso entender, o enunciado grifado pode tanto ser uma fala de E1 (o que se acentua pela presença do marcador de interlocução *nê*), quanto pode ser parte do discurso citado, introduzido por *ele falou*.

(01) E1: é que nem o J. *falou* lá em casa no dia da festa ... o J. tava lá *ele falou* ...”**ocêis tem que ir lá océis *ele falou* ... olhá bem para fazê a casa porque depois que tá feita ... né ... D? então ... num pode falá, né? porque num feiz lá ... Tem que olhá muito bem *ele falou* ... antes ... antes de fazê.**

Embora no discurso indireto livre também se possa falar de uma *indistinção* de vozes, considere uma particularidade das situações que analisei o fato de o enunciado ser *marcadamente plurívoco*, ou seja, sobre ele incide formas meta-enunciativas que permitem associá-lo tanto ao discurso em *uso* quanto ao em *menção*, sendo, portanto, remetido a uma ou outra dessas situações enunciativas ou às duas ao mesmo. No discurso indireto livre, o reconhecimento de *mais de uma voz falando*, ou seja, da plurivocidade, se dá a partir de índices recuperáveis no discurso em função do seu contexto de produção (Authier, op. cit.; Bakhtin, 1929; Maingueneau, 1981, 1986).

O *deslizamento enunciativo* toma forma no movimento entre especificação e não-especificação do dizer. Ao mesmo tempo em que uma forma meta-enunciativa, face a latência de outros dizeres possíveis, incide sobre o enunciado discriminando-o como um dizer próprio ao sujeito enunciador, esse enunciado se encontra modalizado por formas que o colocam, por exemplo, no nível da possibilidade. Este fato pode ser observado na situação (03) supra-citada, no jogo entre a especificação sugerida na última ocorrência de *eu falo* (não sei se foi muito remédio que ela tomou quando era nova sem merecê ... *eu falo*), possibilitando paráfrases simultâneas do tipo “isto que eu quero dizer é X” e “isto **sou eu** quem falo, e não outro” e a modalização realizada por *não sei se*. Paradoxalmente se observa, então, uma tendência à realização de um dizer único, certo, e um movimento que o desloca, tornando-o não-específico.

Assinalando a necessidade de um estudo mais detalhado sobre a configuração enunciativa da *indistinção* de vozes face aos outros modos de enunciação do discurso outro (discurso direto, discurso indireto, direto livre e indireto livre), passei, então, a querer compreendê-la em sua dimensão discursiva. Isso porque nesta configuração enunciativa se manifestava uma espécie de des-regularização na enunciação, ou seja, projetava-se, no fio do discurso, uma relação de não limite entre o discurso em *uso*, do UM e o *mencionado*, representado como *outro*. Parecia abrir-se uma espécie de *falha* no controle do sujeito sobre o discurso. Nas situações de *indistinção* não se podia restabelecer os limites dos enunciados, o que nos deslojava da evidência de que os gestos meta-enunciativos reproduziam sistematicamente, na enunciação, os desejados limites entre os discursos do *um* e o do *outro*.

A questão inicial sobre o funcionamento dos mecanismos meta-enunciativos me colocou, desse modo, frente a uma outra indagação: como compreender o lugar da

indistinção, e portanto, da *falha* no controle da enunciação pelo sujeito, em sua relação aos modos de representação - *imaginária e necessária* - de unidade para o sujeito e o (seu discurso).

Desde que o sujeito enuncie, e por isso, lide com um exterior que o engendra, parece necessário que ele *se represente* (e aos sentidos) como UM. Trata-se de um processo que reveste, na *forma de ilusão*, a constituição do sujeito, sendo simultâneo à sua inscrição no espaço do simbólico: *ilusão do centro* frente a heteronomia radical do sujeito efeito de linguagem (Lacan); *ilusão de ser sempre já sujeito*, discrepância fundamental que acompanha a interpelação do sujeito pela Ideologia (Pêcheux, 1988). Esse processo fundamenta, conforme Pêcheux, a possibilidade para o sujeito dizer-se ao seu modo próprio.

Mas dizer-se ao modo próprio faz justamente intervir (considerar) o não próprio, o não-um. O fato enunciativo da *indistinção de vozes* expressa justamente um não limite nessa relação com a alteridade (representada como tal). Um dizer se completa no outro. É então Orlandi (1987) quem explica que isso se dá porque a condição de existência da linguagem (e do sujeito) é a *incompletude*. Nela se fundamenta a possibilidade de um sentido vir a ser outro e do sujeito significar-se, deslocando-se pelos diferentes discursos, o que impede sua asfixia (idem).

A partir do percurso teórico e de análise desenvolvido, considere minha indagação sobre a constituição de uma unidade para o sujeito e o discurso retomando o fato da *indistinção* em função do *desdobramento dos níveis enunciativos (uso/menção e usuário/observador)* e da *incompletude* como condição de existência do sujeito e do sentido. O modo em que a compreendi pode ser organizado, suscintamente, como segue.

Em primeiro lugar, se a *indistinção* ocorre entre os planos do dizer em *uso* e do dizer em *menção*, localizando-se, portanto, no nível da língua, e se ao desdobramento uso/menção corresponde o do sujeito em *usuário/observador*, então é necessário considerar que ela (a *indistinção*) se dá também nesse desdobramento e/ou distanciamento do sujeito. Quer dizer, o modo pelo qual o sujeito recorta *imaginariamente* o universo do dizer, circunscrevendo, no *jogo das evidências*, o que lhe é próprio e o que é de outro (o que se torna visível nos gestos meta-enunciativos) traz consigo a possibilidade de *indistinção*. Não porque haja qualquer inabilidade do sujeito em realizar as necessárias distinções, mas porque ele lida com a *incompletude*.

Em segundo lugar, localizada no *desdobramento* do sujeito em *usuário e observador* da língua, desdobramento que caracteriza a estrutura da meta-enunciação, e considerando que essa estrutura “meta” é inerente à atividade de linguagem (pois ela é indissociável da própria faculdade de falar a língua (Jackobson, apud. Authier)), a *indistinção* pode ser compreendida como um fenômeno mais geral, que atravessa os processos enunciativos em sua totalidade. Desse modo, ela pode manifestar-se em muitas formas, não se restringindo às que descrevi. No entanto, esta manifestação só se mostraria como uma falta ou des-organização do discurso (e do sujeito) em situações em que os desdobramentos devem estar organizados, de modo a evitar a confusão, a incoerência. Uma dessas situações é a da prática da escrita.

Por fim, compreendi que a manifestação da indistinção se articulava a condições de produção particulares aos discursos. É desse modo que a oralidade veio compor um aspecto fundamental dos fatos analisados, especialmente se lembramos que o discurso rural se constitui como uma *prática oral da linguagem*. Um imbricamento se produz, então, entre o modo de emergência das formas de heterogeneidade no discurso, a *indistinção* e a oralidade como condição de produção do discurso. Na dissertação, bastou-me mostrar essa complexidade, acenando para a necessidade de se considerá-la em outro momento de reflexão. Nesse sentido, seria profícuo levar em conta o próprio modo como se estabelecem as relações dialógicas no meio rural. Conforme Orlandi, a incompletude agiria nessa relação sem ser necessariamente controlada. Nessa direção, podemos concluir que os gestos meta-enunciativos, em sua repetibilidade, e a *indistinção* que os acompanha definem um processo de enunciação não assimilável aos modos de enunciação dos discursos da verdade (os dogmáticos e os científicos). Eles se ancoram, portanto, em processos enunciativos ligados a práticas discursivas.

Todo o percurso que fiz me permite enfatizar, finalmente, que o reconhecimento da indistinção nos leva a considerar a existência de um processo *de representação de unidade para o sujeito e o seu discurso* que opera na conjunção do funcionamento dos gestos meta-enunciativos (e com eles, da ilusão de controle e regulagem do processo de enunciação pelo sujeito) e do que, na linguagem, é inerente ao seu funcionamento: a incompletude.

Instalado na *evidência de si* e dos *sentidos*, o sujeito retorna meta-enunciativamente sobre o dizer, organizando-o. Mas a incompletude desorganiza esse retorno, dá lugar ao indistinto. A alteridade passa a se configurar, desse modo, como um espaço múltiplo e heterogêneo de dizeres possíveis e ao mesmo tempo, como um espaço do “possível” do dizer.

BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-REVUZ, J. “Les formes du Discours Rapporté: Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés”. *DRLAV*, nº 17, 1978.
- _____. “Paroles Tenues à Distance” em *Matérialités Discursives*. Nanterre, Paris, 1980.
- _____. “Hétérogénéité Montréal et Hétérogénéité Constitutive: elements pour une approche de l’autre dans le discours”. *DRLAV*, nº 26, 1982.
- _____. “Hétérogénéité(s) Enunciativ(e)s”. *Language*, nº 73, 1984.
- _____. *Les Non-coïncidences du dire et leur Représentations Méta-énonciatives. Etude Linguistique et Discursive de la Modalisation Autonomique*. Thèse présentée en vue du Doctorat d’Etat, Université de Paris VIII, 1992.
- _____. “Falta do Dizer, Dizer da Falta: as Palavras do Silêncio”. *Gestos de Leitura*. Ed. Unicamp, 1994.
- BAKHTIN, M. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4ª ed. Hucitec, SP, 1988.
- BENVENISTE, E. (1966) *Problèmes de Linguistique Générale*. Trad. Bras. *Problemas de Lingüística Geral I*. Ed. Pontes, Campinas, SP, 1988.
- _____. (1974) *Problèmes de Linguistique Générale II* Trad. Bras. *Problemas de Lingüística Geral II*. Ed. Pontes, Campinas, SP, 1988.
- COURTINE, J.-J. “Definition D * Orientations Théoriques et Construction de Procédures en Analyse du Discours”. *Philosophiques*, Vol. IX, Nº 2, 1982.

- DUCROT, O. (1984) *Le dire e Le Dit*. Trad. bras. *O Dizer e o Dito*. Pontes, Campinas, SP, 1987.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du Discours*. Gallimard, Paris, 1971.
- GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Towards an Automatique Discourse Analysis*. Trad. Bras. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1990.
- _____. & MAZIÉRE. "Effets de Langue Orale". *Language*, nº 81, 1986.
- _____. & PÊCHEUX, M. (1981) *La Langue Introuvable*. Trad. Espanhol. *La Lengua de Nunca Acabar*. Fondo de Cultura Econômica. México, 1984.
- GALO, S. L. *Discurso da Escrita e Ensino*. Ed. da Unicamp, 1992.
- GUIMARÃES, E. R. & ORLANDI, E.P. "Unidade e Dispersão: uma Questão do Texto e do Sujeito". em *Sujeito e Texto*. EDUC, SP, 1988.
- HAROCHE, C. (1984) *Faire dire, Vouloir Dire*, PUL. Trad. Bras. *Fazer Dizer, Querer Dizer*, Hucitec, 1992.
- HENRY, P. *Le Mouvais Outil: langue, sujet et discours*. Paris, Ed. Klincksieck, 1977.
- MAINGUENEAU, D. *Approche de L' Enonciation en Linguistique Française*. 6ª ed. Hachet, Paris, 1981.
- _____. *Éléments de Linguistique pour le Texte Littéraire*. 1ª ed. Bordas, Paris, 1986.
- _____. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky, Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1989.
- OLIVEIRA, G.M. de. "Análise de um Modelo de Organizadores Textuais no Português Falado". *Anais da SBPC*, pag. 553, 1994.
- ORLANDI, E.P. *A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso*. 2ª ed. Pontes, Campinas, SP, 1987.
- _____. "Segmentar ou Recortar?" em *Linguística: questões e controvérsias. Série Estudos*, nº 10, Fiube, Uberaba, 1984.
- _____. *Discurso e Leitura* Cortêz /ed. Unicamp. Campinas, SP, 1988.
- _____. *Vozes e Contrastes. Discurso na Cidade e no Campo*. Cortêz, SP, 1989.
- _____. *Terra à Vista. Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Cortêz/ed. da Unicamp, Campinas, SP, 1990.
- _____. *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Ed. da Unicamp. Campinas, SP, 1992.
- PAYER, M. O. *Linguagem e Educação Popular: Reprodução, confrontos e deslocamentos de sentido*. E. Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, M. (1969) *Analyse Automatique du Discours*. Trad. Bras. "Análise Automática do Discurso" em *Por uma Análise Automática do Discurso*. op.cit.
- _____. (1975) *Les Vérités de La Palice*. Trad. Bras. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Ed. da Unicamp, SP, 1988.
- _____. "L' énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison" em *Matérialités Discursives*. Presses Universitaires de Lille, Paris, 1980.
- _____. (1983a) "A Análise do Discurso: Três Épocas (1983)". em *Por uma Análise Automática do Discurso*. op. cit.
- _____. (1983b) *Discours: Structure or Event?*. Trad. Bras. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Ed. Pontes. Campinas, SP, 1990.
- _____. "Rôle de la mémoire" em *Histoire et Linguistique*. Ed. de la Maison des Sciences de l'homme. Paris, 1984a.
- _____. "Sur les Contextes Épistémologiques de L' Analyse de Discours" em *Mots*, nº 9, 1984b.
- _____. & FUCHS, C. (1975) *Mises au Point et Perspectives à Propos de L'analyse Automatique du Discours*. Trad. Bras. "A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e novas perspectivas" em *Por uma Análise Automática do Discurso*. op.cit.
- SOUZA, T. C. C. "Considerações sobre a Estrutura Discursiva da Língua Tapirapé". *Série Estudos*, Uberaba, MG. 1986.
- ZUMTHOR, P. *A Letra e a Voz. A "literatura" Medieval*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.